

**OS “MAIS VELHOS” NA FOLHA DE S. PAULO:  
UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO  
JORNALÍSTICO SOBRE A VELHICE<sup>1</sup>**

Claudiana da Silva NOGUEIRA

**RESUMO** *Este trabalho propõe uma análise crítica do discurso jornalístico da Folha de S.Paulo sobre a velhice, no período de 1990 a meados de 1999, para questionar como e por que a velhice vem sendo construída modernamente como um problema político – social, a partir dos sentidos naturalizados nos discursos institucionais, com enfoque na mídia e, mais especificamente, na imprensa jornalística. Ao optar pelo programa de estudos lingüísticos críticos elaborado por Norman Fairclough, pretendi discutir as relações entre linguagem e ideologia, enfatizando o papel do lingüista e a contribuição de seu estudo para a vida social*

**ABSTRACT** *This paper is an attempt to apply the principles of Critical Discourse Analysis and analyse the way newspaper journalist have handled the issue of old age. The corpus is confined to texts that appeared in Folha de São Paulo from 1990 to the middle of 1999. The central aim is to look into why and how old age is currently being construed as a socio-political problem, starting with meanings that are naturalised in institutional discourses (with emphasis in the media and, more specifically, in written media). Based an insights from the critical languages studies as developed by Norman Fairclough, an attempt is made to explore the relations between language and ideology with emphasis on the role of linguistics and its contributions to a better understanding of social life.*

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem por objetivo estudar a prática discursiva do jornal *Folha de S. Paulo* (1990 – 1999) para compreender como os sentidos sobre a velhice são

---

<sup>1</sup> Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 14 de março de 2000, sob a orientação do Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan.

instaurados a partir da naturalização de ideologias. Para isso, utilizei a análise crítica do discurso elaborada por Norman Fairclough (1992) em seu caráter multidimensional, levando em conta, portanto, o texto, a prática discursiva e a prática social.

Escolhendo o discurso jornalístico pela sua “característica de atuar na institucionalização social de sentido” (MARIANI, 1999, p.63), procurei efetuar uma análise do vocabulário utilizado para designar a velhice, em termos de sinonímia, hiponímia e antonímia, respondendo à seguinte questão elaborada por Fairclough (1989): quais são as relações de sentido entre palavras significadas ideologicamente?

## **1. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS CRÍTICOS: uma orientação alternativa em Lingüística**

O trabalho de Fairclough (1985,1989,1992...) procura identificar a significação da linguagem na produção, manutenção e mudança das relações sociais de poder. O seu programa de estudos também visa a provocar uma transformação social através de um vir-a-ser consciente das formas sutis de dominação e opressão pela linguagem, uma vez que, segundo ele, a “consciência é o primeiro passo para a emancipação” (FAIRCLOUGH, 1989, p.1).

Em se tratando da análise do discurso jornalístico sobre a velhice é relevante a ênfase dada por Fairclough às apropriações do senso comum que estão implícitas nas convenções que usamos para interagir lingüisticamente. Tais apropriações são ideologias, uma vez que elas são um meio de legitimar a existência das relações sociais e das diferenças de poder, através da recorrência do ordinário (cf. FAIRCLOUGH 1989).

Vale salientar que, para Fairclough, sua análise crítica da linguagem inclui inclusive o seu próprio trabalho, uma vez que, para ele, a investigação científica não escapa do comprometimento e da opinião dos investigadores (cf. FAIRCLOUGH, 1989).

### **1.1. O discurso numa perspectiva social da linguagem**

Na introdução de sua obra *Discourse and social change* (1992), Fairclough afirma utilizar, em seu programa de estudos, métodos de análise da linguagem desenvolvidos na Lingüística e em outros estudos da linguagem, do social e do político, para atingir ao que ele se propõe: o desenvolvimento de uma adequada teoria social da linguagem.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Fairclough vem mostrar que o estudo da linguagem tem sido isolado de outras Ciências Sociais e que dentro da própria lingüística é ainda o paradigma formalista e cognitivo que domina. Os estudos em Lingüística que pretendem desenvolver um trabalho mais voltado para o social têm, segundo Fairclough,

Fairclough combina a noção de discurso no sentido de texto-interação de orientação lingüística com a concepção de discurso num sentido mais teórico-social presente no trabalho de Michel Foucault - *A arqueologia do saber* (1997), que estrutura áreas de conhecimento e prática social - e no trabalho de John B. Thompson (1990), cuja ênfase está nos particulares caminhos de uso da linguagem e outras formas simbólicas. Discurso, portanto, não apenas reflete ou representa as relações e as entidades sociais; ele constrói e constitui tais entidades e relações, constituindo, assim, os sujeitos sociais (cf. FAIRCLOUGH, 1992).

A análise crítica do discurso de Fairclough apresenta-se, pois, num modelo tridimensional. Ele diz: “um evento discursivo é visto como sendo simultaneamente um pedaço de texto, uma instância de prática discursiva e uma instância de prática social” (FAIRCLOUGH, 1992, p.4).

## 2. VELHICE E CONSTRUÇÃO DISCURSIVA

Como já foi colocado na introdução deste trabalho, uma análise crítica do discurso jornalístico sobre a velhice passa, inevitavelmente, pelo questionamento dos sentidos para *velhice*, *velho* e *envelhecimento*, que vêm sendo sedimentados historicamente e ideologicamente num contexto específico em que a velhice é apresentada como uma questão social.

É necessário, então, indagar: a velhice é algo natural, vinculado à idade cronológica ou uma construção sociocultural? Neste trabalho, procuro enfrentar estas questões tratando a velhice como uma construção discursiva, cuja formulação está intrinsecamente relacionada com as condições sócio-históricas em que foi produzida. Tal construção está, portanto, inserida numa verdadeira rede de discursos de várias ordens que se relacionam dialogicamente entre si.

Os sentidos para a velhice são, portanto, construídos a partir da operacionalização das ideologias instauradas no processo sócio-histórico em que a linguagem é produzida. É o que veremos nas próximas seções do trabalho.

---

alcançado um êxito limitado. Como exemplo ele se refere ao grupo de lingüistas na Bretânia que tem desenvolvido desde a década de 70 uma Lingüística crítica, combinando as teorias e métodos da análise de texto da uma Lingüística sistêmica com teorias da ideologia, e o trabalho desenvolvido na França por Michel Pêcheux com sua análise do discurso que aproveita o estudo do lingüista Zellig Harys e da teoria marxista da ideologia, numa releitura de Althusser. A crítica de Fairclough é que, na primeira abordagem, o bom desenvolvimento das questões lingüísticas textuais contrastam com o pequeno espaço dedicado às discussões das concepções de ideologia e poder. Ao contrário, na segunda abordagem, temos uma sofisticada teoria social, enquanto que a análise lingüística é bastante restrita. (cf. FAIRCLOUGH, 1992).

## 2.1. A velhice entre o natural e o cultural

De acordo com a antropóloga Guita Grin Debert (1998), a dificuldade mais evidente para os pesquisadores que iniciam no estudo do envelhecimento é “a consideração de que a velhice é uma categoria socialmente produzida”.

Ora, essa dificuldade toca a fundo na oposição que, conforme Derrida (1971, p.236), é congênita à Filosofia: a oposição natureza/ cultura. Segundo ele, tal oposição “é mesmo mais velha do que Platão, tem pelo menos a idade da Sofística. Desde a oposição *physis/ nomos*, *physis/ techné*, chega até nós graças a toda uma cadeia histórica que opõe a “natureza” à lei, à instituição, à arte, à técnica, mas também à liberdade, ao arbitrário, à história, à sociedade, ao espírito etc”.

Derrida trata esta dicotomia a partir da desconstrução do trabalho de Lévi-Strauss, que ao deparar-se com a proibição do incesto (tema tratado em seu primeiro livro *Les structures élémentaires de la parenté*) ao mesmo tempo em que sentiu a necessidade de utilizar a oposição natureza/ cultura se viu na impossibilidade de lhe dar crédito.

Lévi-Strauss, partindo do axioma de que pertence à natureza tudo o que é universal e espontâneo e que pertence à cultura tudo o que depende de um sistema de normas que regulam a sociedade, podendo mudar de uma estrutura social para outra, confronta-se com a proibição do incesto que possui atributos contraditórios das duas ordens: a proibição do incesto se constitui numa regra social, então seria algo cultural; no entanto, apresenta um caráter universal sendo ao mesmo tempo natural.

Derrida traz esse exemplo para mostrar que “a linguagem carrega em si a necessidade de sua crítica” (idem, p.237) e dizer que é necessário denunciar os conceitos dessa oposição (natural/cultural) sem contudo deixar de usá-la como um instrumento, ou seja, conservar como instrumento aquilo cujo valor de verdade deve ser criticado.

Partindo dessas considerações e considerando o valor meramente metodológico desta dicotomia, vejamos os trechos das matérias abaixo:

1. A meta do Ministério é vacinar 6 milhões de idosos contra a gripe – cerca de 70% da população de *65 anos ou mais*. (grifos meus / FSP – 23/04/1999)
2. O Ministério da Saúde tornou obrigatória a presença de um acompanhante para pacientes *com mais de 60 anos* que forem internados nos hospitais públicos ou conveniados com o SUS (Sistema Único de Saúde). A portaria assinada ontem pelo ministro José Serra faz parte do pacote de medidas para melhorar o atendimento dos idosos na rede pública. (FSP- 08/04/1999)
3. Colesterol a menos poderia debilitar idoso, o nível baixo de colesterol e de proteína albumina (encontrada no leite e na clara de ovos) no sangue pode

indicar alto risco de doenças para pessoas *acima de 70 anos*. (FSP – 07/04/1999)

4. O Brasil tem hoje 13,5 milhões de idosos (pessoas *com mais de 60 anos*) que representam 8,7 % da população; já significaram 7,8 % em 1992 e 8 % em 1993. (FSP – 11/03/1999)

5. *Maior de 60* vira colega de jovem na USP, a idéia é integrar o idoso nas aulas e estimular a sua participação como aluno comum. (FSP – 10/05/1998)

6. Atividades para *maiores de 40 anos*. (FSP – 18/05/1997)

Observa-se nos trechos acima a associação da velhice com a idade cronológica. O jornalista-escritor, inclusive, reformula o enunciado (no fragmento 4) explicando através dos parênteses [idosos (pessoas com mais de 60 anos)]. Através da fórmula *maior de X- anos, mais de X- anos* o discurso sobre a velhice se constrói a partir das categorias de idade. Essa relação da velhice com a idade cronológica parece querer mostrar a velhice como algo natural, universal.

No entanto, a fixação da idade para designar os idosos (60, 70 anos, etc.) mostra a articulação, numa ordem do discurso<sup>3</sup>, com os elementos discursivos que negam a inevitabilidade da velhice. Desses elementos fazem parte o discurso que apresenta a velhice como fase de realização pessoal, apregoando o “cuidar de si”. Ora, não sendo a velhice algo natural, podemos, então, ter uma idade avançada e não sermos velhos.

O jogo com as expressões *maior de X- anos, mais de X- anos* para definir os idosos é feito através do uso de um tropo – a *metonímia*. A utilização da metonímia através do uso da categoria de idade - que socioculturalmente marca a nossa vida na sociedade (idade para votar, idade para atingir a maioridade civil, idade para iniciar a vida escolar) - como definição de velho e da velhice produz um efeito de sentido que apaga a posição ser-velho. Qualquer um pode ser idoso ou eximido dessa posição a partir de uma fixação de idade. Essa fixação se constitui a partir das mais variadas práticas políticas, sejam elas públicas ou privadas. É o que podemos observar com os exemplos.

As políticas de saúde pública, que atualmente se voltam para o idoso, fixam uma idade no texto 1, e uma outra no texto 2. Já o texto 6 (da matéria extraímos apenas a manchete), que apresenta uma lista de endereços das entidades e associações nas quais se promove atividades culturais e esportivas para a terceira

---

<sup>3</sup> Vale lembrar que Fairclough emprega o termo ordem do discurso como equivalente ao termo interdiscurso usado pela AD francesa. Da mesma autora existe a expressão “elementos”, equivalente à formação discursiva.

idade, desce a idade para 40 anos: ter mais de 40 anos significa, então, estar na terceira idade.

A metonímia funciona como uma estratégia discursiva para a dissimulação, um dos *modus operandi* da ideologia que consiste em negar relações de poder pelo fato de representá-las de uma maneira que passe por cima de uma série de relações e processos existentes. As expressões *maior de X – anos*, *mais de X - anos* usadas no discurso sobre a velhice estão ligadas às condições sócio-político-econômicas em que são produzidas:

- i. O atual interesse e o conseqüente investimento das organizações mundiais para com a população idosa que têm gerado, no Brasil, políticas públicas promovidas pelo Ministério da Saúde específicas para essa categoria (Programa Envelhecer Ativo, Campanha de Multivacinação, Campanha de Mutirões de Cirurgias Eletivas, os programas Acompanhantes e Cuidadores – lançamento da cartilha *Viver mais e melhor*).
- ii. A implantação do modelo político-econômico neoliberal no Brasil, nos últimos anos - cuja meta é manter a estabilidade monetária, com a contenção dos gastos sociais e a restauração da taxa “natural” de desemprego - que tem provocado verdadeiras guerras entre o governo Fernando Henrique e o Parlamento para a fixação da idade mínima para a aposentadoria.

Compreendendo o efeito das expressões *mais de X – anos*, *maior de X - anos* e similares como resultante de posições ideológicas que se manifestam numa ordem de discurso, posso entender o espaço discursivo como um palco onde encenam os sentidos para a velhice. Sentidos aceitos como tais a partir da compreensão de que as seqüências discursivas fazem parte dos elementos de uma ordem do discurso. Desse modo, compreendo a velhice como uma construção discursiva que se presta a apropriações políticas várias, na redefinição de poderes.

Vejamos ainda as manchetes:

7. “Cabelos brancos” rendem cachê entre R\$ 20,00 e R\$ 600,00. (FSP-24/08/1997)

8. “Grisalhos Turbinados”. (FSP-18/05/1997)

Os dois textos referem-se a uma característica do processo de envelhecimento. Entendendo, porém, essas seqüências como pertencentes a uma formação discursiva que define a velhice como fase de reconquista, de realização pessoal, ou mesmo de rejuvenescimento, posso dizer que a atenção centrada para essas expressões “cabelos brancos” e “grisalhos” é deslocada de sua conotação negativa para significar um privilégio. Pertencer a uma categoria (velhice) que se transformou em um alvo da publicidade (seqüência 7).

Na seqüência 8, o efeito metonímico se dá quando a característica física se torna a própria designação, substantivando-se e recebendo a adjetivação “turbinados” - uma metáfora que confere ao idoso a virilidade e a energia historicamente associadas à juventude.

### 3. AS RELAÇÕES DE SENTIDO ENTRE VELHICE E TERCEIRA IDADE

Fairclough, (1992) ao tratar a análise de textos na perspectiva da pesquisa social, usa o termo sentido potencial para referir-se aos sentidos convencionalmente associados a uma palavra, que o dicionário tenta representar. Segundo ele, a forma como o dicionário associa grupos de verbetes a uma palavra implica a visão de que existe um sentido potencial que é estável, universal (no sentido de ser comum a todos os membros de uma comunidade de falantes) e claramente demarcado. Assim os sentidos potenciais para velho e velhice encontrados no dicionário são:

**velhice.** *S.f. 1. Estado ou condição de velho, 2. Idade avançada. 3. P. ext. antigüidade, vetustez. 4. As pessoas velhas. 5. Rabugice ou disparate próprio de velho.*

**velho.** *[Do lat. vetulu,atr de uma f. \*vetlu, pronunciada veclu.] Adj. 1. Muito idoso: homem velho. 2. De época remota; antigo: Os velhos homens tinham outros costumes. 3. Que tem muito tempo de existência: Esta casa é velha, mas está em bom estado. 4. Gasto pelo uso; usadíssimo: camisa velha. 5. Que há muito possui certa qualidade ou exerce certa profissão: É um velho advogado. 6. Desusado, antiquado, obsoleto. 7. Empregado ou usado há muito: método tão velho quanto eficaz.~V. \_ Mundo,\_ Testamento, caboclo,\_ ferida\_a, ferros\_s,macaco\_, negro\_,noite\_, a e república\_a.\*S.m. 8. Homem idoso. 9. Bras.Fam. Pai, papai: O meu velho comprou um carro. [Aum. da acepç. 8: velhaças. Dim.irreg., das acepç. 1 e 8): velhote, velhusco, velhustro.]<sup>4</sup>*

No entanto, Fairclough trata da relação entre palavras e seus significados como um domínio de experiência que pode ser recortado como parte das relações sociais. Desse modo, os sentidos passam a ser construídos a partir dos elementos de uma ordem do discurso, ou seja, passam a ser atribuídos a partir dos conflitos ideológicos internos a uma determinada conjuntura sócio-histórica. As condições de produção de um discurso, portanto, determinam o sentido de uma palavra, expressão ou enunciado. Não existe, pois, um sentido em si mesmo.

Podemos assim questionar as categorias da semântica estrutural que tratam das relações de sentido entre palavras: sinonímia, antonímia, hiponímia a partir da compreensão de que as relações de sentido dependem do lugar “social” de onde se

---

<sup>4</sup> Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda.

fala. Nessa linha de raciocínio, o discurso da Folha de S. Paulo (FSP) construirá sentidos para a velhice de acordo com as posições ideológicas assumidas no processo sócio-histórico no qual esse discurso é produzido.

Não se pode, portanto, falar das relações de sentidos, por exemplo, entre palavras ditas sinônimas sem levar em conta que as escolhas lexicais são também feitas a partir das condições de produção do discurso. Vejamos como a semântica tradicional trata essas questões.

Conforme John Lyons (1979, p.479), “na semântica tradicional a sinonímia é vista geralmente como uma relação estabelecida entre unidades lexicais”. A definição é dada, pois, se uma expressão, E1, implica outra expressão E2, e se ocorre também o inverso, E1 e E2 são equivalentes: isto é, se  $E1 \supset E2$  e se  $E2 \supset E1$ , então  $E1 = E2$  (em que = significa “é equivalente a”).

Desse modo, duas palavras são consideradas sinônimas quando fazem, em todos os seus empregos, a mesma contribuição ao sentido da frase (cf. ILARI, 1985). Vejamos o trecho da matéria a seguir:

### 9. Como se apaixonar pela vida na *velhice*

No dia 18 de outubro próximo, a tradutora Julieta Cupertino vai completar 92 anos e, ainda que não tivesse outra razão para festejar, haveria uma, raríssima no Brasil. Sua realização profissional aconteceu na *terceira idade*. (FSP-26/09/1999)

Posso então tomar a expressão *velhice* (E1) utilizada no título da matéria como sinônima para a expressão *terceira idade* (E2), uma vez que as duas expressões são equivalentes. Ou melhor: de acordo com testes tradicionais em sinonímia lexical as duas expressões são sinônimas porque, substituindo (E1) por (E2) ou vice-versa, o sentido do texto permanece inalterável, sem que o mesmo passe de verdadeiro a falso.

Ora, mesmo que eu não questione aqui o par dicotômico verdadeiro/falso ou possibilidade de apreendemos intuitivamente um sentido que aparece como se estivesse inscrito na superfície textual, posso dizer que, embora a FSP utilize as duas expressões, (E1) e (E2), como sinônimas, elas não se apresentam como tal em todos os contextos.

Por exemplo, nas matérias que descrevem o lazer, a sexualidade, os cuidados com o corpo, as opções de emprego, ou seja, matérias que enfatizam a juventude como um estilo de vida para os idosos, a designação utilizada é sempre *terceira idade*. Já os artigos que denunciam a situação de miséria que enfrentam os idosos (em número bem pouco significativo) utilizam sempre a designação *velhice*. Vejamos:

### 10. Último Asilo

A *velhice* nos asilos se confunde com solidão, ociosidade e abandono, às vezes com doença física, outras vezes com demência mental. Abrigos, albergues, asilos, casas de repouso - essa é a nomenclatura dos lugares onde se depositam os idosos para “viver seus últimos dias”, eufemismo para “esperar a morte chegar”. (FSP-26/09/1999)

### 11. Agilidade e acrobacia na *terceira idade*.

Jonas Lopes Rubim, 78, e sua mulher Guelda, 78, moram em Itaguaí (RJ); passeando com a neta no parque Ibirapuera, em São Paulo, ele dá um show de agilidade na barra. Os Rubim preferem alimentar-se de legumes e frutas. “Ficamos de três a quatro meses sem comer carne e tomamos suco de repolho todos os dias”, conta ele, que nada, mergulha e anda de bicicleta diariamente. (FSP-26/09/1999)

Nos exemplos acima, a expressão *velhice*(E1) não pode ser substituída pela expressão *terceira idade*(E2). Essa impossibilidade de substituição ou equivalência não diz respeito ao critério falso/verdadeiro ou à afirmação - já dita pelos semanticistas - de que a sinonímia depende do contexto, mas sim ao elemento da ordem do discurso onde se instaura o sentido de uma *velhice* positiva. Esse novo sentido é instaurado em um momento político-histórico em que se inauguram políticas para um controle da *velhice*, tornando-a uma fase de vida saudável, na qual seja possível produzir bens econômicos e culturais ao invés de prejuízos para a sociedade - a partir de uma maior permanência no mercado de trabalho e uma considerável diminuição dos gastos com saúde pública a ser alcançada a partir da propagação da fonte da juventude como a responsabilidade individual de cuidar de si mesmo.

A designação *terceira idade* é uma construção que pertence a essa formação discursiva e que assume, portanto, um sentido determinado por esse elemento da ordem do discurso. Associada historicamente a práticas que pretendem mostrar que podemos ser jovens em qualquer fase da vida, a expressão *terceira idade* parece querer referir-se a uma fase intermediária entre a idade madura e a *velhice* propriamente dita. A *terceira idade* seria, assim, uma espécie de *velhice*, ou seja, o significado de *terceira idade* estaria incluído no significado de *velhice*? Teríamos, aqui, um caso de hiponímia?

Segundo Lyons, a hiponímia é uma das mais fundamentais relações paradigmáticas de sentido em função das quais se estrutura o vocabulário (cf. 1979). A relação de hiponímia seria, pois, a “inclusão” de um termo mais específico num termo mais geral.

No que diz respeito às relações entre *velhice* (E1) e *terceira idade* (E2), nota-se que estas são, muitas vezes, relações de incompatibilidade ao invés de relações de inclusão. A partir da seqüência de textos anteriores, embora algum analista possa dizer que (E1) e (E2) são coextensivas, isto é, têm a mesma extensão pois a

referência das duas expressões seria uma pessoa idosa, percebo, no entanto, que são incompatíveis e que o processo de referenciação é instável.

Nos textos (10) e (11) as expressões *velhice* (E1) e terceira idade (E2) podem se apresentar, a partir da visão da semântica tradicional, como um dos casos de incompatibilidade: a antonímia, que caracterizaria a relação de oposição entre sentidos.

Um modo tradicional de estabelecer a compatibilidade ou incompatibilidade entre as unidades lexicais seria a abordagem componencial, ou seja, a apresentação para esta unidade lexical de uma série de componentes semânticos, ou propriedades que lhe são atribuídas. Desse modo, a oposição entre sentidos seria vista a partir da oposição entre propriedades, uma vez que “o sentido de cada unidade lexical é produto dos componentes semânticos que a constituem” (LYONS, idem, p.505).

Numa análise componencial, posso então comparar as duas unidades lexicais (E1) e (E2) a partir dos próprios atributos apontados nos textos (10) e (11) que representariam os componentes semânticos de tais unidades.

<i>Terceira Idade</i>	<i>Velhice</i>
Sociabilidade	Solidão - abandono
Agilidade e acrobacia	Ociosidade
Saúde, boa alimentação	Doença física e mental

A partir da análise das propriedades semânticas claramente opositivas atribuídas nas matérias para *terceira idade* e *velhice*, é fácil compreender, nos textos da FSP, que a propagação de novo estilo de vida para as pessoas idosas rejeita o uso do termo *velhice*. Para designar as pessoas idosas que encaram a vida com sucesso e prazer rejeita-se as expressões *velhos*, *peessoas velhas* por associarem estes termos a determinados atributos ou propriedades que devem ser combatidas e superadas no atual contexto socioeconômico. Vejamos o texto abaixo:

## 12. Volta às aulas

A Universidade de São Paulo tem um programa voltado apenas para quem tem mais de 50 anos. O objetivo da Universidade Aberta à Terceira Idade é reintegrar essas pessoas à sociedade. Para isso, oferece vagas em diversas disciplinas dos cursos de graduação, além de atividades culturais e físicas, todas gratuitas.

Irene Kioko Tomita, coordenadora do programa desde 1992, ressalta que a idéia é dar “algo mais” do que simples passatempos. “Procuramos propor cursos com maior fundo cultural. Além disso, nos preocupamos em oferecer atividades nas quais os idosos treinem coordenação motora e memorização”, explica. Como a função do programa é ser pessoal, e não acadêmico, qualquer pessoa pode participar, mesmo sem ter escolaridade. “Basta ter mais de 50 anos e conseguir acompanhar o curso que escolheu”, explica Irene.

A procura é grande e nem sempre há vagas para todos. Mesmo assim, a coordenadora diz que muitas pessoas ainda deixam de fazer as atividades em razão do próprio preconceito: “Os próprios idosos se marginalizam, se afastam da sociedade, porque se sentem velhos”. (FSP-18/05/1997)

A voz reportada no texto denunciando o preconceito dos próprios idosos por se sentirem velhos dialoga com o discurso que nega a velhice, ou melhor, as propriedades que lhe são comumente atribuídas [“Os próprios idosos se marginalizam, se afastam da sociedade, porque se sentem velhos”]. O que significa sentir-se velho? Entregar-se a um estágio criado apenas por uma marcação sociocultural de uma das fases da vida ou reconhecer os limites do próprio corpo e da vida? É possível não se sentir velho sempre?

Tratar o objeto velhice como um efeito do confronto entre discursos (discursos que denunciam a situação dos velhos no Brasil e discursos que supervalorizam os aspectos positivos) é perceber a urgência de rever as categorias (sinonímia, hiponímia, antonímia) da semântica tradicional. Posso dizer que o sentido da velhice instaurado no discurso jornalístico é o da própria negação da velhice, a partir da recorrência do termo terceira idade que se opõe em sentido à posição velhice.

Como, então, as duas expressões são usadas em uma única matéria para designar as pessoas idosas? O que significa a presença nas matérias de expressões como *envelhecimento saudável*, *velho ativo*, *velhice feliz*? Significaria, pois, a referência a um envelhecimento não-saudável, a um velho inativo e a uma velhice infeliz? Portanto, as diferentes designações empregadas como sinônimos e funcionando como hipônimos, ou antônimos, podem ser entendidas a partir da noção de ordem do discurso, como a pensou Fairclough.

O discurso da Folha de São Paulo está situado nessa ordem do discurso, cujos elementos (formações discursivas) vão dizer quais termos devem ser empregados nas matérias e determinar as relações de sentido a serem estabelecidas entre tais termos. Posso dizer que, como não há sentidos inscritos nas palavras, mas sim sentidos construídos a partir das formações discursivas e instaurados em uma ordem do discurso, também não há relação entre sentidos discretamente demarcados: o que há são variáveis a partir das apropriações ideológicas para os sentidos.

## CONCLUSÃO

Ao fim da análise, posso dizer, a título de conclusão, que o sentido construído para a velhice no discurso jornalístico é o sentido da não-velhice, estabelecido no processo sócio-histórico e estabilizado em uma ordem do discurso que delimita um raio de possibilidade para a operacionalização da ideologia.

A análise das matérias jornalísticas nos permite ver o sentido da velhice como fase de prazer e poder, que prepondera no discurso da *Folha de S. Paulo*, como resultado da heterogeneidade discursiva em que se articulam dialogicamente o discurso da velhice como fase de decadência e o discurso da velhice como fase de rejuvenescimento. É interessante notar, no que diz respeito à naturalização de ideologias, que o discurso da velhice positiva traz a proposição implícita de que existe uma velhice triste, inativa e decadente que deve ser combatida. Essa velhice negada a partir do apelo ao imaginário com a metáfora da fonte da juventude se torna a única medida de contraste entre os velhos vencidos e as pessoas de terceira idade, entre os que conseguiram vencer o tempo e as dificuldades de várias ordens e os que, por algum motivo, não conseguiram deixar de ser velhos.

Portanto, o discurso da *Folha de S. Paulo* sobre a velhice, situado na ordem do discurso, na medida em que propõe uma velhice positiva, recupera, através da memória discursiva, o sentido da velhice abandonada para em seguida eliminá-lo através do argumento de que a adoção de determinadas formas de consumo e estilos de vida pode render os lucros de uma velhice invejável.

Sem dúvida, a manutenção do sentido da velhice como fase de poder e prazer construído historicamente é também a manutenção de ideologias que se tornam hegemônicas e operam em nossa sociedade de modo a instituir relações de poder. Relações de sentido entre o *velho* e o *não-velho*. Relações de poder entre os velhos e os que detêm o saber sobre eles. Práticas discursivas cuja análise abre caminhos para outras pesquisas.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEBERT, G.G. (1998). Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: *Textos didáticos*. IFCH, vol. 13, pp.7-27.
- FAIRCLOUGH, N. (1989). *Language and power*. London: Longman.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Discourse and social change*. Cambridge: Polity.
- FOUCAULT, M. (1997). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- ILARI, R. (1985). *Semântica*. São Paulo: Ática.
- LYONS, J. (1979). *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Editora Nacional Editora da USP.
- MARIANI, B. (1999). Discurso e instituição: a imprensa. In: *Rua*, Campinas, nº 5, pp.47-61.
- THOMPSON, J. (1995). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era da comunicação de massa*. Petrópolis (RJ): Vozes.